

MONOGRAFIA PASSO A PASSO

Por Francisco José Alves
(DHI-UFS)

ARACAJU - JULHO. 2007.

Sumário

| | |
|---|-----------|
| 1. Origem do termo monografia..... | 3 |
| 2. Conceitos dos dicionários da língua portuguesa..... | 4 |
| 3. Conceitos dos Peritos..... | 5 |
| 4. Dois elementos básicos da monografia: dados e literatura teórica metodológica | 6 |
| 5. Documentação e Imaginação..... | 8 |
| 6. 4 Tarefas intelectuais fundamentais:..... | 9 |
| 6.1) Análise | 9 |
| 6.2) Síntese | 10 |
| 6.3) Explicação | 12 |
| 6.4) Compreensão | 13 |
| 6.5) Alguns princípios..... | 14 |
| 6.6) Exercício I | 17 |
| 6.7) Exercício II | 20 |
| 7. Componentes estruturais de uma monografia | 23 |
| 8. A pesquisa bibliográfica | 29 |
| 9. Problemas mais comuns das monografias acadêmicas..... | 32 |

1. Origem do termo monografia

O vocábulo monografia vem de dois termos gregos: **monos**, que significa único, sozinho, isolado e **gráphein** que significa escrever. São estes os dois étimos da monografia, conforme o Dicionário Aurélio. (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004. p. 996 e p. 1353). Notem como, no caso da monografia, o próprio vocábulo esclarece o seu significado. Aliás, o histórico das palavras é sempre muito esclarecedor. A noção de “monos”, significando único, comparece em muitas palavras eruditas da língua portuguesa, da linguagem científica. Na língua portuguesa, monografia foi dicionarizada em 1854, como nos informa o etimólogo Antônio Geraldo da Cunha (1924-1999). (CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 530).

2. Conceitos dos dicionários

Consideremos, inicialmente, como alguns dicionários correntes da língua portuguesa conceituam monografia.

a) O conhecido **Aurélio** nos diz: “estudo minucioso que se propõe esgotar determinado tema relativamente restrito”. (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004. p. 1354).

b) O **Michaelis** nos traz sobre monografia: “trabalho escrito pormenorizado, em que se pretende dar informação completa sobre algum tema particular de um plano do conhecimento, ou sobre personagens, localidades, acontecimentos etc. (WEISZFLOG, Walter (editor). **Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998. p. 1405).

O Houaiss, por sua vez, consigna:

c) “Trabalho escrito acerca de determinado ponto, de História, de Arte, da Ciência, ou sobre uma pessoa ou região”. (HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 1953).

3. Conceitos dos Peritos

a) O clássico Délcio Vieira Solomon, assim conceitua monografia: “tratamento escrito de um tema específico que resulte da pesquisa científica com o escopo de apresentar uma contribuição relevante ou original e pessoal à ciência.

Em sentido lato, [monografia] é “todo trabalho científico de primeira mão, que resulte de pesquisa” (SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 179).

b) Antônio Joaquim Severino, outra autoridade em metodologia do trabalho científico, também nos oferece uma noção de monografia. Diz ele: Monografia [é] “aquele trabalho que reduz sua abordagem a um único assunto, a um único problema, com um tratamento especializado”. (SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 129). Assim sendo, a monografia tem como característica marcante a unidade de objeto e a unicidade de metas. No entender do Prof. Severino, teses de doutorado e dissertações de mestrado nada mais são do que exemplos de monografia.

4. Dois elementos básicos da monografia: dados e literatura teórica e metodológica

Numa monografia há de se distinguir dois materiais básicos: os dados primários objetos da abordagem, a matéria prima da pesquisa, de um lado. E de outro, a **literatura teórica** ou metodológica que apóia o pesquisador na inteligência científica dos dados primários: o fundamento empírico da investigação. Assim, por exemplo, uma pesquisa sobre o sentimento amoroso na poesia de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) temos, de um lado, a matéria prima da pesquisa, os textos poéticos do autor. Noutro lado, temos toda **literatura crítica** sobre Drummond: biografias, histórias da literatura, interpretações de outros críticos, a chamada fortuna crítica do autor. Num polo, o **lastro empírico**, os dados. Noutro, o **instrumental** que irá auxiliar a dissecação **analítica** da obra... De um lado, os “tijolos” e do outro, o instrumental necessário para abordar os dados.

Consideremos um outro exemplo. Numa pesquisa sobre **O conceito de segurança pública dos deputados sergipanos**, distingui-se dois aspectos. De um lado, temos os discursos dos Deputados na Assembléia Legislativa, seus apertes, seus projetos de Lei. Noutro pólo, temos um conjunto heterogêneo formado de textos teóricos, metodológicos e a **fortuna crítica** do tema, ou seja a tradição de estudos sobre o assunto em tela, a segurança pública. Na condução da pesquisa, os dois não devem ser confundidos sob pena de não ficar claro o objeto, quais são os dados primários ou ainda, no dizer dos historiadores, as **fontes primárias**. Confundir os dois tipos de materiais não é incomum entre os iniciantes. Um exemplo. Recentemente uma aluna de História me procurou para dar continuidade a uma pesquisa sobre a repressão aos docentes e discentes na Universidade Federal de Sergipe (UFS), durante o Regime Militar. Como sempre faço, perguntei pelas **fontes primárias da pesquisa** e ela enumerou um conjunto de obras historiográficas, de autores atuais, que abordam o tema no plano nacional. Insisti: - E os documentos? Ela confessou que o acesso a eles era vetado, difícil, que tinha conseguido realmente alguns poucos. A aluna confundia fontes primárias com literatura. Antes de decidir pelo tema, não tinha checado os dados disponíveis, os “tijolos” para a sua construção. Mandei-a voltar ao campo ou, mudar de tema: a historiografia brasileira atual sobre o Regime Militar. Para tal, ela tinha tudo o material necessário.

Dados primários e **literatura crítica**, no âmbito da monografia, possuem estatuto diferenciado, função e importância distintas. Uns são a base documental a ser examinada, explicada, outra serve de apoio na inteligência das fontes, na abordagem científica. Nunca há de se confundir a natureza dos dois materiais. Nunca se deve esquecer a **precedência** da documentação primária na confecção do trabalho. Um outro exemplo deixa claro a diferenciação. Numa pesquisa sobre a “imagem social do policial” devemos distinguir, em primeiro lugar, o material no qual tal visão se consubstancia: depoimentos, letras de músicas, questionários, etc. Num outro plano, temos que considerar todo um conjunto de textos que irão auxiliar na compreensão do material de base. É o caso dos textos teóricos e metodológicos; é o caso dos estudos sobre **estigma**, noção que poderá ser utilizada na inteligência dos dados.

Distinguir **documentação** e **literatura** é fundamental. A partir dela é possível responder com clareza: qual o objeto da pesquisa? É pergunta **incontornável**, essencial. O assunto é abordado por Umberto Eco num tópico denominado. “Quais são as **fontes** de um trabalho científico?”. O autor fala desta dicotomia. E distingue “**objeto**” e “**instrumentos**” ou ainda as “fontes primárias” e literatura crítica. O mestre italiano firma: “A distinção entre as fontes e a literatura crítica **precisa** (grifo meu) estar bem clara (ECO, Umberto. **Como se faz uma Tese**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1983, p. 36). Noutros termos, é preciso distinguir o material a ser explicado e a sua explicação

5. Documentação e Imaginação

No âmbito de uma monografia, há ainda que distinguir dois planos. O plano dos **dados primários** e de **literatura** de apoio, de um lado. Do outro, o **discurso do autor**, aquilo que se diz tomando como base as **fontes primárias e a literatura**, a verdadeira contribuição pessoal ou original do autor. O discurso do autor pode tomar feições ou formas diversas. **Explicação, análise, síntese, comparação, formalização, interpretação** ... etc. Numa palavra, tratamento pessoal dos dados, **intelecção do material coletado, reunido, sistematizado**. O fazer científico se concretiza no discurso autoral sobre os dados. A reunião e apresentação dos dados são fases preliminares do fazer científico. Não pense fazer ciência quem somente compila dados. Eles são importantes, fundamentais. Todavia, mais importante ainda é o dito **sobre eles, a abordagem, a inteligência dos dados**.

Os dados e a sua **intelecção** são o cerne de uma monografia. Na abordagem, temos a “luz” do autor, sua contribuição significativa para o campo científico. É preciso estabelecer um justo equilíbrio entre a **documentação** e a **imaginação** do autor concretizada na abordagem. As duas são a “**terra**” e o “**céu**” do trabalho científico. A imaginação não deve desgarrar-se da documentação ou da empiria. Quando isto acontece em lugar de ciência, temos **poesia**. Por outro lado, quando falece a imaginação, temos somente compilação de dados. O cientista é, assim, um ente dividido entre a “terra” e o “céu”. Entre o factualismo e a viagem “desgarrada, alucinada

Imaginemos – mais uma vez – a pesquisa sobre: **A idéia de Segurança Pública entre Deputados de Sergipe**. O monografista, em primeiro lugar, arrola fontes ou dados primários. No caso, as diversas falas dos deputados sobre o tema: discursos, entrevistas (no suporte papel ou audiovisual). Voltando a metáfora anterior, todo este material constitui o **chão** da pesquisa, a base empírica da investigação, a matéria prima. A reunião inicial de tais dados é a tarefa preliminar. O fazer científico não se esgota nisto. Vem depois dela, a fase mais difícil: **elucidar** os dados, **inteligir a empiria**. Deste modo, o autor precisa fazer uso da **imaginação**.

Numa palavra, precisa **ir além dos dados**, indagando os motivos, razões, estabelecendo **nexos**, interpretando **sentidos**. É o momento de **fazer “falar” os dados...**

6. Tarefas intelectuais fundamentais

Abordemos um assunto essencial na feitura de uma monografia. Um conjunto de operações por meio das quais a mente, a inteligência **doma** o mundo exterior, objetos fora do sujeito, a chamada realidade, o mundo das “coisas” tanto **materiais** quanto **espirituais**. Estou aludindo a um conjunto de **práticas da inteligência** na apreensão do mundo. Estou me referindo aos **fazer elementares do saber científico**, Como o cientista trata o mundo? Como **modela** os objetos no conhecimento? O cientista realiza muitas tarefas. Consideremos somente algumas mais recorrentes, mais usuais, mais costumeiras. Consideremos **análise, síntese, explicação e interpretação**. (Consultar: HEGENBERG, Leônidas. **Explicações Científicas**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.)

6.1) Análise

Começemos pela **análise**. Também aqui, mais uma vez, a etimologia, a história do termo, é **elucidativa**. Análise vem do grego **analyen** e significa, extamente, **separar, dividir, desligar**. Deste modo, analisar é “decompor um todo em suas partes”, é destrinchar (JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1996. p. 9).

Pensemos na análise química... Frente a uma totalidade uma das formas de abordá-la é o modo **analítico**. Imaginemos que tenho às mãos um discurso sobre a Segurança Pública num plano de Governo Estadual ou Nacional. Para apreendê-lo, inicialmente, devo separar as suas partes constituintes, devo “quebrá-lo. Separo os “tijolos da construção” desmonto o texto para decifrá-lo. A análise é tão importante como tarefa intelectual que o pai do **racionalismo moderno, René Descartes** (1596-1650), a toma como norte do proceder intelectual. No **Discurso do Método** (1644) o filósofo escreve: “Dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas pequenas partes quanto fosse possível e necessária para melhor resolvê-las”. (DESCARTES, René. **Discurso do Método**. São Paulo: Paulus, 2002, p. 90). **Segmentar o objeto** é uma das formas intelectuais de abordagem. Pela análise **dissecamos** as

diversas facetas ou aspectos do objeto. Lembram, os mais velhos, dos exercícios de **análise sintática**, nas aulas de Língua Portuguesa?

Pascal Ide, um metodólogo francês, postula quatro critérios básicos para uma boa análise, ou, nos seus termos, **divisão**. No entender do especialista uma boa divisão deve ser **intrínseca**, **exclusiva** e **exaustiva**. A boa divisão deve ser intrínseca ou imanente pois deve emergir do próprio objeto visado. É o caso, por exemplo, de dividir as rochas em sedimentares, vulcânicas e metamórficas. Tal divisão procede da natureza das rochas. Não vem de fora. A boa divisão deve ser **distinta**. Não podem figurar em mais de um pólo. Os membros da divisão devem ser excludentes entre si. Por fim, a boa divisão deve ser **exaustiva**, ou seja deve abrigar todos os elementos do objeto dividido. Deve esgotar o campo visado (IDE, Pascal. **A Arte de Pensar**. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 171-173).

No tocante a um texto, como analisá-lo ou dividi-lo com segurança? O mesmo Pascoal Ide chama a atenção para alguns marcadores ou indícios que **sinalizam** para divisões do texto: “em primeiro lugar, a seguir, enfim, por um lado... por outro, depois, além disso”... (IDE, Pascoal. **A arte de pensar**. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 175). Com base em tais indícios, a divisão nascerá do texto e não do “delírio” do leitor. A divisão será intrínseca, imanente ao objeto inteligido. Ide lembra ainda que há três tipos de autores: os que tem plano e o anunciam; os que tem plano mas não revelam e os autores sem plano. Analisar um texto é por a nu o plano autoral. É revelar o **roteiro** seguido pelo autor ao fazer o texto, ao idealizá-lo.

Em síntese, a análise consiste, basicamente, em decompor uma totalidade em suas partes, e a dividir mentalmente, o objeto. Na inteligência dos dados a análise é fundamental. A inteligência imaginativa secciona o objeto em suas partes constituintes. Separa para melhor conhecer. Pensem, por exemplo, na inteligência analítica de um conto ou poema. Primeiro dividido para melhor entender. A boa análise, no entanto, deve respeitar a natureza do objeto. Ou, numa palavra, deve ser imanente. Deve nascer do objeto focalizado. E não somente da inteligência do examinador.

6.2) Síntese

Síntese do grego **synthesis**: reunião ou ajuntamento. “Ato de reunir ou combinar em um todo elementos dados separadamente.” (JAPIASSU, Hílton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1996, p. 249). “compor e recompor

um todo a partir dos seus elementos constituinte”. (JOLIVET, Regis. **Vocabulário de Filosofia**. Rio de Janeiro: Agir, 1975. p. 205).

“... união de vários conteúdos gnosiológicos num produto global de conhecimento”. (VRIES, Joseph de. Síntese. In BRUGER, Walter. (Org.) **Dicionário de Filosofia**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 1987, p. 387).

“... método que vai do simples ao composto, dos elementos às suas combinações” (ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 906).

“... agrupamento de fatos particulares em um todo que os abrange” (...) operação mental pela qual se constrói um sistema. (WEISZFLOG, Walter (editor). **Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998, p. 1949).

“Método, processo ou operação que consiste em reunir elementos, concretos ou abstratos, e fundí-los num todo coerente (HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001. p. 2582).

“Reunião de elementos concretos ou abstratos em um todo”... (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2001. p. 1854).

A **síntese** é um outro procedimento metódico. É o oposto da análise, e **significa reunir, juntar, arranjar**. Depois de “quebrar” o objeto, pela análise, é hora de recompô-lo por meio da síntese. A **síntese** resgata intelectualmente, a unidade do objeto. Imaginemos um filme. As suas diversas seqüências se **encaixam** formando uma unidade, um todo coeso. Se cortarmos uma seqüência, o filme fica sem sentido, sem unidade. Um filme é uma obra sintética. O mesmo podemos dizer de uma pintura ou poema. Chega sempre o momento que é preciso ir além do empírico e juntar as diversas partes, numa palavra **sintetizar**.

Imaginemos ainda o trabalho do biógrafo.... Inicialmente ele junta os diversos “pedaços” que compõem uma vida, reúne comportamentos, feitos, atitudes. Numa palavra, ele **segmenta** uma existência em suas partes. Faz análise, **divide**, Noutro momento, junta os “fragmentos”

do indivíduo através da **síntese**... Constrói um todo dotado de certa coerência. Sistematiza a trajetória existencial do retratado configurando o **sistema** de uma vida: eis a biografia.

A síntese é o complemento da análise. Depois de seccionar o objeto pela análise é hora de recompô-lo pela operação sintética. A síntese busca como que resgatar a essência do objeto, é seu resumo essencial. Voltemos ao poema antes mencionado. Depois de segmentá-lo pela análise eu o recomponho por meio da síntese. O poema, em síntese, trata de tal e qual temática. Comparada a análise, a síntese é mais subjetiva, é mais aventureira. Captar uma essência demanda mais finura de espírito ou inteligência. Pensem ainda na síntese de um filme visto. Para tal tarefa minha inteligência é muito solicitada. Na feitura de uma monografia a competência analítica e sintética são fundamentais. Caso contrário, temos um aglomerado de fatos.

6.3) Explicação

Explicar, como uma grande parcela do vocabulário português, vem de um termo latino, **explicare**. O verbo, no contexto dos autores clássicos, tem dois significados básicos. No aspecto denotativo significa **desenrolar, desenvolver, desdobrar, estender**. No aspecto **figurado**, conota esclarecer, **expor, desembaraçar, desenredar**. (FARIA, Ernesto. **Dicionário Escolar Latino Português**. Rio de Janeiro: FAE, 1989, p. 211). Usualmente o termo tem estes dois significados.

A explicação é uma outra tarefa intelectual fundamental na abordagem dos dados, na inteligência da empiria, na apreensão científica da realidade. Conforme o filósofo Régis Jolivet explicação é o “ato de dar a razão de um ser, ou de um fenômeno”. (JOLIVET, Régis. **Vocabulário de Filosofia**. Rio de Janeiro: AGIR, 1975, p. 90). É dar o **porquê** das coisas. Neste sentido, nossas autoridades tentam **explicar** o “apagão aéreo” que penaliza o Brasil há quase um ano, ou seja, tentam elucidar os fatores provocadores do fato. A explicação, assim entendida, é o método por excelência das ciências naturais, as ciências generalizadoras ou **nomotéticas**, ciências formuladoras de leis.

Na **forma explicativa** a tarefa principal é estabelecer os **nexos causais** de um fenômeno. Frente a um fato, o explicador interroga que fatores **geraram** a sua ocorrência. Quais as suas causas? Que condições geraram o fato? Consideremos um exemplo. Frente ao fenômeno social da violência, o investigador indaga pelas suas **causas explicativas**. Sua inteligência somente se satisfaz quando consegue elencar um conjunto de fatores que ocasionam o fato:

desemprego, impunidade, desvalorização da vida, estetização do crime, etc. Outra ambição do explicador é **encaixar** o fato investigado num padrão mais geral, é generalizar. A violência urbana aumenta toda vez que... O adepto da explicação elucida as **leis** subjacentes aos fatos focalizados, encaixa o seu fenômeno numa generalidade.

A explicação é outra tarefa básica no fazer científico. Fundamentalmente, o cientista é alguém que explica o mundo, a realidade circundante. O termo explicar tem muitas definições. Na formulação de um filósofo “explicar” é dar a razão de um ser ou de um fenômeno. É explicitar as “causas”. A explicação, assim entendida, é o método por excelência das ditas ciências naturais. Para alguns é o método próprio para entender a natureza. Para outros é o norte metodológico de toda a ciência natural ou cultural. Temos aqui toda polêmica entre holistas e individualistas, adeptos da explicação X adeptos da compreensão ou interpretação. Ao meu juízo a ciência social gira em torno de tal dicotomia. Comte X Dilthey por exemplo.

6.4) Compreensão

Examinaremos, para iniciar, alguns **conceitos** de **compreensão** no sentido rigoroso do termo.

A) “elucidar uma exteriorização (...) desde o seu fundamento interno” (LOTZ, Johannes. Compreender. In: BRUGER, Walter. (Org.) **Dicionário de Filosofia**. 4. ed. São Paulo: EPU, 1987, p. 91-92). B) “Compreensão é a apreensão totalizadora de outrem”. (JOLIVET, Régis. **Vocabulário de Filosofia**. Rio de Janeiro: AGIR, 1975, p. 47-48). C) “Apreensão imediata e íntima da essência de um fato humano, isto é, seu sentido” (JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1996, p. 47-48).

D) “o ato por meio do qual se **apreende** o psíquico através de suas múltiplas exteriorizações. (MORA, José Ferrater. **Diccionario de Filosofia**. 5. ed. Buenos Aires: Sudamericana, 1971. v. 1. p. 313).

Na **forma compreensiva**, a ação intelectual toma singular direção. O adepto da compreensão, basicamente, investiga as **finalidades** dos fatos investigados. A inteligência gira em torno dos propósitos dos fenômenos humanos, ou seu “significado”. Pesquisar, para o adepto da compreensão, é fazer aflorar o “sentido” dos **fenômenos humanos**. Para ele, os fatos da natureza **se explicam** enquanto os fenômenos humanos devem compreendidos ou seja, elucidados os “sentidos”, as razões de ser. Frente ao fato da violência urbana, o partidário da compreensão não se interroga pelas suas **causas** exteriores. Ele investiga os fins, visados

pelos agentes da violência. Pergunta pelos significados. Na perspectiva da compreensão, os fatos são **sintomas** e como tais devem ser elucidados.

Pode-se afirmar que enquanto a **explicação** gira em torno dos **porquês** a **compreensão** gravita em torno do **“para que”**. A primeira, visa os antecedentes causais de um fato ou fenômeno. A causa da morte de fulano foi a hepatite. A causa da tempestade foi uma frente fria. Estamos no âmbito da natureza, do mundo físico-natural. No universo da **compreensão** o objetivo é elucidar uma **finalidade**, um propósito visado por um agente humano. Neste sentido, os atos humanos não têm causas, tem finalidades. Partilhar alianças indica o propósito de um pacto entre um homem e uma mulher. Piscar o olho para alguém manifesta... É uma outra forma de aplicar a inteligência aos dados. Interpretar é, basicamente, elucidar “sentidos visados”. Enquanto a explicação gira em torno de “causas”, a compreensão visa descobrir sentidos. A partir de um fato exterior, o intérprete quer chegar a uma interioridade, a uma intenção, a um propósito visado. Para os adeptos da compreensão visar fins é um traço da humanidade, da conduta humana. Nas humanidades, a vertente interpretativa tem uma longa história. No começo visava os textos sagrados, em seguida os textos legais e os artísticos. Depois, no século 19, foi concebido como o método peculiar das ciências humanas. Ou do espírito. Há toda uma tradição sociológica representativa desta abordagem. É o caso de autores como Max Weber (1864-1920), Wilhelm Dilthey (1833-1911), Ernest Cassirer (1874-1945), Georg Simmel (1858-1918).

Alguns princípios da abordagem:

Pratiquemos as técnicas de analisar, sintetizar, explicar e interpretar. Vamos exercitar, **aprender fazendo**. Para tal exercício escolhi um passo de um livro muito famoso. Falo de **Os Sertões**, de Euclides da Cunha (1866-1909) publicado em 1902, há cento e cinco anos atrás. Vamos submeter o texto euclidiano aos **procedimentos de análise, síntese, explicação e compreensão**.

Como proceder na inteligência interpretativa de um texto? Como fazer a interpretação de uma obra? Como captar os seus **sentidos**. **Alguns princípios** de método foram formulados pelos especialistas. Vejamos alguns:

1) **Respeitar o princípio da imanência.** A boa interpretação deve **nascer do texto**, considerando-o como ponto de partida, base empírica do trabalho. As idéias do intérprete devem ter suporte na obra focada e não somente na sua mente. O que diz a obra no plano explícito ou implícito, no aspecto **conotativo** ou **denotativo**? O interprete pode dar uma volta ao mundo, ir às estrelas, desde que o **ponto de partida e de chegada** seja o dito na obra. A precedência da obra implica em tomá-la como **alicerce** e **âncora** da abordagem. Deve-se sempre **partir** e **voltar** ao texto. É o seu limite.

A precedência da obra no fazer interpretativo tem como fim evitar alguns vícios: A) o **impressionismo**, isto é o uso do texto como mero **pretexto** para o intérprete dizer o que quer, o que tem na cabeça; B) ou o **apriorismo**, a idéia preconcebida, anterior à abordagem do objeto. A obra examinada é o **suporte** e o **norte** da boa interpretação. O intérprete nunca deve esquecer o escopo do seu trabalho: **elucidar a obra**, compreender uma **mensagem** vinda de outro.

2) **Situar o texto no contexto** – A construção de uma obra nunca ocorre num vazio. Toda obra remete a um contexto historicamente determinado. Via de regra, os homens tem as idéias da sua época e de seu meio social e econômico. A boa interpretação reclama considerar tal aspecto da vida intelectual. Mesmo as obras de ruptura com a tradição remetem ao contexto da sua emergência. O contexto de um texto tem extensão variável. Pode ser a obra de um autor, uma corrente estética, filosófica ou científica, as obras de uma época, uma sociedade ou uma mentalidade. Não há regras universais para medir uma boa contextualização. Também a contextualização deve ser “puxada” pelo texto e não o contrário. O que na obra exige explicação contextual? Que fios **ligam texto ao contexto cultural** mais amplo?

O contexto assim visto, tem aspectos muito diversificados. Pode remeter á **sociedade**, à **época**, às **idéias**, a **geografia** ou à **biografia do autor**. Assim, por exemplo, se preciso **inteligir** um sermão do Antônio Viiera (1608-1697) muito me ajudará saber que foi composto por um jesuíta, do século 17, morador do Brasil. Estes elementos ajudam no inteligência da obra. Do mesmo modo, a biografia do cineasta **Ingmar Bergman** (1918-2007) poderá me auxiliar a entender alguns aspectos da sua filmografia... a incomunicabilidade entre as pessoas, o silêncio de Deus, a culpa de fundo religioso... Conforme alguns especialistas, a cosmovisão de Machado de Assis (pessimismo e ceticismo) tem muita ligação com a sua condição de “mulato” e de “agregado”...

3) Ressaltar os trechos-chave, as palavras-chave, as palavras-ícones

Embora seja intenção da abordagem elucidar a obra em sua totalidade, o trabalho compreensivo normalmente parte de alguns passos do texto abordado. Tal forma de proceder se justifica pelo fato de que a “voltagem semântica” de um texto não é idêntica em toda a sua extensão. Todos os passos do texto não carregam o mesmo peso de sentidos. Todo texto tem os seus pontos-chaves, seus núcleos semiológicos. O trabalho interpretativo deve prestar atenção a estes pólos. Normalmente, o hermenauta “pendura” sua inteligência neles. A abordagem gira em torno deles ou os toma como guia. Aqui tem lugar a semântica das palavras como matéria prima de uma obra. Há que considerar os planos tanto **denotativo** quanto **conotativo**, a linguagem dita objetiva e a figurada. Convém lembrar que o uso da linguagem figurada não é exclusiva da literatura ficcional.

A abordagem dos pontos-chave atenta para as **recorrências** do texto, isto é, aquilo que retorna, como um estribilho numa canção. As recorrências numa obra apontam para a semântica, os sentidos atribuídos pelo autor. Num texto, como na vida, as **repetições** nunca são inocentes: são reveladoras. Na linguagem técnica, as recorrências recebem o nome de **leitmotiv ou motivos-condutores**. Uma obra normalmente gira em torno deles. São os **satélites** da obra. Por meio das recorrências, o intérprete tem pistas quanto ao sentido mais fundo da obra. São sinalizações, pistas do sentido, indicações das intenções autorais. É preciso ficar de olho nelas. Perscrutá-las com cuidado. Como exemplo, pensemos no uso do termo “categoria” na fala de Bebel, - personagem da novela **Paraíso Tropical**, de Gilberto Braga. A recorrência do dito sinaliza uma personalidade, um perfil dramático no contexto do folhetim.

4) Elucidar a idéia do autor. A compreensão visa, ao fim, captar a idéia ou cosmovisão do autor, o seu propósito, sua mundivivência. O fito do hermenauta é assim, captar uma intenção materializada em palavras. A meta é chegar, por meio delas, à **idéia do autor**, ao que ele tinha em mente. Pensemos num filme. O cineasta, ao montar o filme, tinha uma idéia. Tal noção materializa-se em cenas, em cores, em falas. O conjunto aponta para uma intenção autoral uma idéia sobre o homem, sobre o mundo, sobre o universo... Do mesmo modo, pensemos num romance como **Dom Casmurro** (1900), de Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908). Que **visão de mundo** o texto deixa entrever? No fundo, a **materialidade** nos interessa como meio de atingir algo imaterial. Uma **idéia** enquanto síntese de um **conteúdo espiritual**.

A tarefa final da compreensão é, assim, **captar** uma **mensagem**, o **sentido** da obra focada, uma intenção materializada em palavras. É uma operação sintética. Os fios dos **sentidos** espalhados na obra são agora reunidos, coordenados num todo coerente, decodificado. É tarefa, por meio da qual o intérprete **tem acesso** ao autor, decodificando sinais semânticos deixados por ele ao longo da obra. Assim compreendida, a interpretação irá da **obra ao autor**, **da criatura ao criador**, do **material** ao espiritual.

Vamos exercitar o texto com a inteligência e a sensibilidade, com a “**cabeça**” e também com o “**coração**”. **Façamos** uma leitura silenciosa do passo famoso, muito citado mesmo por aqueles que não leram a obra.

Exercício 1

Retrato do Sertanejo

O Sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofreia o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. E se não marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro, ou travar ligeira conversa com um amigo, cai logo – cai é o termo – de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável.

É o homem permanentemente fatigado.

Remete a preguiça invencível, a atonia muscular perene, em tudo: na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadência langorosa das modinhas, na tendência constante à imobilidade e à quietude.

Entretanto, toda essa aparência de cansaço ilude.

*Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combatida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente da força e agilidade extraordinária (CUNHA, Euclides da (1866-1909) **Os Sertões**. 34. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989, p. 81).*

Começamos pela **análise**, ou seja, pela repartição, a desmontagem do texto. Dividamos o texto considerando os seus parágrafos, os seus segmentos constituintes. Com vocês vêm, o texto é formado por **sete** parágrafos de tamanhos distintos. O autor começa com a tese muito famosa: “o sertanejo é, antes de tudo, um forte” (§1). Nos parágrafos seguintes (2, 3, 4 e 5) aborda a **aparência** do sertanejo como negadora da **fortaleza** no início afirmada. O autor mostra, no **plano aparente**, todos os sinais de fraqueza do sertanejo: no porte, no andar, na postura, no falar, nas músicas típicas (modinhas). Nos dois últimos parágrafos (6 e 7), o autor contrapõe os sinais aparentes da fraqueza aos traços de fortaleza. Podemos assim, segmentar o texto ou analisá-lo em **três grandes** planos ou segmentos: 1 – a tese; 2 – a negação aparente da tese – os atributos da fraqueza; 3 – a afirmação da tese, os atributos de fortaleza.

Como indicio da composição do texto temos a presença da conjunção “entretanto” no segundo e no sexto parágrafo. O uso da **adversativa** assinala ou sinaliza a estrutura do texto, o seu plano profundo.

Assim decomposto, o texto pode, agora ser **sintetizado** ou **resumido**. É hora de recompor os “cacos” do texto juntando-os com a “cola” da inteligência. A síntese, considera a “espinha dorsal” do texto, a sua essência, seus aspectos fundamentais. O fragmento de Euclides da Cunha pode então ser **sintetizado** ou resumido com rigor respeitando a sua natureza

intrínseca. O sertanejo é um forte. A sua aparência, todavia, mostra muitos sinais de fraqueza. A sua fortaleza mostra-se quando o contexto demanda ou exige.

Feitas a **análise** e a **síntese** do texto, vamos agora explicá-lo, no sentido de **esclarecer**, **desenrolar**. Iniciemos pelo vocabulário pois Euclides da Cunha se caracteriza pelo léxico exuberante, precioso:

Fealdade – qualidade do feio, feiúra

Gingante – que ginga, bamboleia

Sofreia – conter, refrear

Espenda – parte da sela onde assenta a coxa do cavaleiro

Meandros - desvio, complexidade

Atonia – debilidade, fraqueza

Remorada – demorada, delongada, morosa

Longorosa – apático, frustrado, enfraquecido

Combalida – abatida, abalada

Adormida – adormecida

Repona – começar, surgir, despontar

Titã – pessoa que tem caráter de grandeza gigantesca, física, intelectual ou moral.

Frente ao texto de Euclides da Cunha – além de analisá-lo, sintetizá-lo, vamos interpretá-lo, ou ainda explicitar os **fins visados** pelo autor ao traçar o perfil paradoxal do sertanejo. O que visava o autor? Qual a sua intenção, seu propósito? Qual a finalidade do autor ao pintar assim o sertanejo. Temos um texto (uma exteriorização) e por meio dele tentaremos chegar ao autor, (uma interioridade). Vamos do “fora” para “dentro”, da obra para o **artífice**, do **manifesto** para o oculto. Notem o quão aventureira é a interpretação. Como é difícil captar uma intensionalidade por meio dos rastros das palavras. **O que o autor quis dizer? Que finalidade as palavras manifestam?**

O texto gira em torno da oposição entre **aparência** e **realidade**. Vejamos: a primeira vista o sertanejo é um **fraco**, reúne em si muitos indícios de fraqueza. Visto com mais cuidado, o sertanejo é um **forte**, cuja fortaleza só é perceptível aos mais cuidadosos, aos que observam melhor.

A figura da **antítese** domina o texto em consideração. Na verdade, perpassa toda obra de Euclides da Cunha. Atentem para o paradoxo patente na denominação dada pelo autor ao sertanejo: “Hércules-Quasímodo”. Os dois possuem atributos antagônicos. Pode-se afirmar que, na visão do autor, o sertanejo é, na aparência, um monstro disforme. A encarnação da

desarmonia, do feio... Na realidade, é um Hércules, ou seja, um homem de força extraordinária capaz de realizar tarefas árduas, difíceis, impossíveis. Notem, por outro lado, como o autor aciona ou demanda a cultura mitológica e literária do leitor. Hércules faz parte do panteão grego... Já Quasímodo é um personagem do romance **Nossa Senhora de Paris** (1832) de Victor M. Hugo. O texto, nos diz Umberto Eco, para funcionar carece d “cooperação” do leitor.

Exercício 2

“Filho de gato é gatinho”, de Antônio Gonçalves da Silva. Patativa do Assaré (1909-2002)

Era o esposo assaltante perigoso,/ o mais famoso dentre os marginais,/ porém, se ele era assim astucioso,/ sua esposa roubava muito mais// A ladra certo dia se sentindo/ com sintoma e sinal de gravidez,/ disse ao marido satisfeita e rindo:/ - Eu vou ser mãe pela primeira vez!// Ouça, querido, eu tive um pensamento,/ precisamos viver com precaução,/ para nunca saber nosso rebento/ desta nossa maldita profissão.// Nós vamos educar nosso filhinho/ dando a ele as melhores instruções/ para o mesmo seguir o bom caminho,/ sem conhecer que somos dois ladrões.// Respondeu o marido: - Está direito,/ meu amor, você disse uma verdade./ De hoje em diante procurarei um jeito/ de roubar com maior sagacidade.// Aspirando o melhor sonho de Rosa,/ ambos riam fazendo os planos seus./ E mais tarde a ladrona esperançosa/ teve um parto feliz, graças a Deus.// “Ai, como é linda, que joinha bela!”// diziam os ladrões, cheios de amor,/ cada qual desejando para ela/ um futuro risonho e promissor.// mas logo viram com igual surpresa/ que uma das mãos da mesma era fechada./ Disse a mãe, soluçando de tristeza:/ - Minha pobre menina é aleijada.// A mãe, aflita, teve uma lembrança/ de olhar a mão da filha bem no centro./ Quando abriu a mãozinha da criança,/ a aliança da parteira estava dentro.

ANDRADE, Carlos Henrique Salles; SILVA, Nilson Joaquim da (editores). **Feira de versos: poesia de cordel**. São Paulo: Ática, 2005. p. 81-82.

1- **Análise**. No plano mais explícito, o cordel está dividido em nove estrofes, cada uma delas com quatro versos. Num plano mais fundo, a estória pode ser dividida em **3 momentos básicos**: 1º) A gravidez da ladra; 2º) A decisão dela com o marido de serem discretos nos roubos para não dar “mau exemplo” ao filho ou filha. 3º) O nascimento da filha e a descoberta que a recém-nascida havia roubado a aliança da parteira. O primeiro momento abrange as seis

primeiras estrofes até o verso 2 da sexta estrofe. O segundo momento ocorre do terceiro verso da sexta estrofe até a 7ª estrofe. O terceiro momento abrange todo o final do cordel, a oitava e a nona estrofes do poema.

2- **A síntese** – A análise previamente realizada faculta a síntese ou resumo do texto. A estória contada pode ser assim sintetizada. A esposa, num casal de exímios ladrões engravidada pela primeira vez. Diante do fato eles decidem, de ora adiante, serem muito discretos no ofício para não dar “mau exemplo” ao futuro filho. Nasce uma menina e após o contentamento inicial, vê-se que a pequena traz uma das mãos sempre fechada. A mãe resolve examinar a mão da menina e descobre nela a aliança da parteira que havia feito o seu parto.

3- **Explicação** – Tomando explicação como sinônimo de **desenrolar, desenvolver, desdobrar, estender, esclarecer, expor, desembaraçar e desenredar**, examinemos o texto do cordel. Começamos pelo **título**. O título do cordel é uma variante de um ditado popular corrente: “filho de peixe, peixinho é”. O ditado alude a idéia de que os filhos herdaram os traços morais dos pais. Com a herança genética os filhos receberiam também um legado ético. O ditado remete a uma visão comum de que o perfil moral do indivíduo está no seu “sangue”. Entre o povo é comum se dizer “tem sangue” disto ou daquilo. É uma concepção marcada pelo biologismo. Quando vigente o Antigo Regime falava-se que a nobreza tinha “sangue azul”. No período colonial brasileiro se dizia que alguém possuía sangue infecto “de judeu”. É no contexto desta ideologia do sangue que o cordel deve ser entendido ou explicado.

Um outro aspecto do texto a ser elucidado diz respeito ao desejo do casal de que seu filho não siga as pegadas dos pais. Eles querem um “futuro melhor” para o filho. Tal ideário é comum no meio popular: um futuro melhor para os filhos. No texto, o marido fala do ofício como “nossa maldita profissão”. (3ª estrofe). É como se os dois ladrões tivessem consciência moral, consciência do erro, da vida errada que levam. No cordel, o intento moralizante do casal é vencido pelo imperativo do “**sangue**”; da força do **sangue**. O casal quer que o filho não seja, no futuro, um ladrão. Todavia, tal propósito consciente é vencido pela força do “sangue”. A menina, filha do casal, **já nasce ladra**, é uma ladra nata, uma “criminoso nata”. O sangue é mais forte do que os propósitos conscientes. No plano moral o homem seria um joguete do “sangue”.

4 – **Interpretação** – Aqui vamos tentar captar a **intenção** do poeta ao forjar a sua estória em verso. O que **Patativa do Assaré quis dizer** com ela? Qual o **sentido** do relato? O poeta parece nos dizer que é inútil lutar contra o “sangue” que nos corre nas veias. É inútil tentar superar o legado moral adquirido pela **genética**. No plano moral os indivíduos não têm escolha. São determinados, não são autônomos. São joguetes da herança sanguínea. Estamos

num universo pautado pelo rígido determinismo. As taras morais paternas passam fatalmente para os filhos. Não há livre escolha ou arbítrio. Os indivíduos são fantoches de sua herança. Aqui o poeta é o transmissor de uma funda tradição: a ideologia do sangue. No meio popular o “sangue” é elemento fortemente carregado de sentidos. É um signo **polissêmico**. Foucault fala de sociedades pautadas pela “sanguinidade”.

A ideologia do “sangue” implica toda uma cosmovisão. Vocês já ouviram falar de “ter” um certo sangue, “pacto de sangue”, misturar os sangues, derramar o sangue, “vingar” o sangue... Conhecem o dito “honra se lava com sangue”? O mundo do cangaço, por exemplo, parece dominado por esta ideologia. Um dos feitos mais comentados do cangaceiro é sangrar o inimigo. O defloramento, por sua vez, era concebido como um modo de sujar o sangue do inimigo por meio das mulheres. O pacto de sangue é a mistura de dois sangues com implicâncias morais entre os dois pactuantes. O contexto de onde emerge o cordel ora examinado remete a um mundo dominado pela **ideologia do sangue**, a simbólica do sangue, uma sociedade de sangue, como diria Foucault.

Bibliografia sobre interpretação:

MOISÉS, Massaud. Princípios gerais da análise literária. **A análise literária**. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1984, p. 25-39.

VERGEZ, André; HUISMANN. A arte da explicação de textos. **História dos filósofos ilustrada pelos textos**. 7. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1988, p. 17-21.

KAYSER, Wolfgang. O conteúdo. **Análise e interpretação da obra literária**. 7. ed. Coimbra: Armênio Amado, 1985, p. 257-259.

DONOFRIO, Salvatore. Exercício de literatura. **Metodologia do Trabalho Intelectual**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000, p. 102-118.

CÂNDIDO, Antônio. **Na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

ECO, Umberto. **Lector in Fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

5. Componentes estruturais de uma monografia

Depois de considerar, a **etimologia**, a **semântica** e as **operações intelectuais básicas da monografia**, examinemos os seus **componentes formais**. Nossa exposição será embasada nas normas da **Associação Brasileira de Normas Técnicas**, a ABNT.

Usaremos, sobretudo, a NBR 14.724, de agosto de 2002, intitulada **Informação e Documentação – Trabalho Acadêmicos Apresentação**. Também seguiremos a NB 82, de julho de 1987 sobre **Resumos**, a NBR 10.520, de agosto de 2002 sobre **Citações** e a NBR 6023, de agosto de 2002, sobre **Referências** Documentais.

Vale informar que, embora normatizada, a monografia, no plano formal, sofre pequenas alterações de instituições para instituição. Dou um exemplo. Embora a NBR 14.724 diga que se deve usar somente o **anverso** da folha na confecção de trabalho, o Mestrado em História da UNICAMP recomenda o uso das duas faces do papel.

a) Capa

É componente obrigatório numa monografia. Contém: nome da instituição, nome do autor, título, subtítulo (se houver), número de volumes (se for mais de um), cidade da instituição onde será apresentada, ano de depósito ou entrega do trabalho à instituição.

b) Folha de rosto ou frontispício

Contém elementos de identificação **institucional**, **autoral** e da **natureza do trabalho**. É normatizada pela ABNT. Faz parte dos componentes pré-textuais da monografia. Como é o primeiro componente visualizado pelo leitor-examinador, deve receber especiais cuidados.

Conforme a NBR 14.724 – 2002 deve figurar na **folha de rosto**: nome do autor, título, subtítulo, número de volumes, natureza, objetivo, instituição, área de concentração, nome do orientador, cidade da instituição, ano do depósito.

c) Folha catalográfica

Figura no verso da **folha de rosto**. É a identificação técnica ou documental da monografia. Geralmente, é confeccionada por bibliotecário ou documentalista. Traz os seguintes componentes: autor, título da obra, instituição, classificação do assunto abordado, **descritores** para índices.

É elementos muito importantes para resgatar a informação por meios da **indexação** do documento. Conforme a NBR 14.724-2002, a ficha catalográfica deve obedecer ao **Código de Catalogação Anglo-Americano**.

d) Resumo

Tem o tamanho estipulado pela ABNT. Consiste num texto de um único parágrafo no qual se oferece uma síntese informativa da monografia. Deve ser **concisa** e **objetiva** e finalizar com palavras-chave para futura indexação. A NB 88 estipula para a monografia, resumo de **até 250 palavras**. Conforme a mesma, o Resumo deve considerar os **objetivos**, a **metodologia**, os **resultados** e as **conclusões** da monografia, oferecer um perfil básico do trabalho.

e) Sumário

Não se confunde com o índice. Consiste nos títulos dos capítulos ou partes da monografia seguidos da indicação das páginas onde estão localizadas. É componente indispensável na composição de uma monografia. Facilita o trabalho do leitor ou examinador. Sua ausência é uma **falha** imperdoável num trabalho de cunho científico ou **intelectual**. O sumário é uma “radiografia” da monografia. Por seu intermédio, se visualiza o conteúdo do trabalho, sua estrutura e disposição. Fornece informes capitais sobre a monografia: consistência, organicidade, nexos lógicos.

f) Agradecimentos

É elemento preliminar da monografia e consiste na **listagem circunstanciada** de todos aqueles que contribuíram **efetivamente** para a confecção do trabalho. É comum incluir também as instituições que viabilizaram a feitura do texto. Via de regra, menciona-se o nome da pessoa ou da instituição e o modo como ela auxiliou na execução do estudo. É o momento de gratidão e do pagamento das “dívidas” intelectuais contraídas no desenrolar da investigação. Nos agradecimentos se evidencia a natureza interpessoal do conhecimento científico.

g) Epígrafe

A epígrafe é um componente optativo numa monografia. Figura, geralmente, após os agradecimentos ou no início de cada capítulo. Pode ser trecho de obra literária, filosófica ou científica. Funciona, no âmbito de uma monografia ou demais trabalho científico, como alusão que dá o “tom” do trabalho. Funciona como simbolizador de perspectiva adotada pelo autor. Aciona a imaginação e o interesse do leitor para o que vai ser lido. Devem ser escolhidas tendo em vista a **concisão** e, sobretudo, a **pertinência** com relação ao conteúdo da monografia com o todo ou partes ou capítulos. As epígrafes criam expectativas no leitor, preparam o seu espírito.

h) Introdução

É componente incontornável numa monografia. É parte preliminar num trabalho. Fornece um **panorama geral do trabalho**. Via de regra, na introdução, o autor delimita o **objeto** e **objetivos** do trabalho, **explica os conceitos** e a **metodologia** utilizados, **revisa a literatura** atinente ao assunto, **justifica** a relevância do assunto apresentado. É também usual, na introdução, apresentar as **hipóteses** que guiaram a investigação ou as conclusões formuladas. A introdução, na condição de preliminar, deve ser escrita de modo que leve o leitor a ler todo o trabalho. Deve ser uma “entrada” convidativa. Deve ser clara, objetiva, e..., se possível, estimulante.

i) Capítulos

Os capítulos constituem o âmago da monografia. Neles são apresentados os dados e formulada a interpretação. A disposição e titulação dos capítulos variam em conformidade

com a matéria tratada e a habilidade do autor. Todavia, é desejável que os capítulos tenham uma relação orgânica entre si. Não devem se configurar como estudos autônomos, isolados uns dos outros, sem nexos ou parentesco. Cabe ao autor, examinar, previamente, o melhor modo de **dispor** os capítulos e o melhor modo de intitulá-los.

j) Citações

A NBR 10.520, de agosto de 2002, define citação como sendo: “toda menção de uma informação extraída de outra fonte”. A citação manifesta o caráter **dialógico** do discurso científico. O texto científico é, explicitamente, um discurso de muitas remissões a outros discursos. As citações são as vozes dos outros que **povoam** o texto científico, a voz da ciência. É a dialogia da ciência.

A mesma NBR, acima aludida, discrimina dois tipos básicos de citação: a citação **direta** e a **indireta**. Na primeira forma, temos a transcrição literal do texto alheio. Na citação indireta temos a menção a uma idéia oriunda de outro texto ou fonte.

Regras para citação, segundo Umberto Eco:

1. Citar mais os documentos que são objetos da análise, as fontes primárias;
2. Citar a literatura crítica somente quando confirma a tese defendida;
3. Indicar, com precisão a procedência da citação (referência);
4. Citar, de preferência, as edições ou versões mais confiáveis;
5. Citar na língua original;
6. Citar com fidelidade e indicar alterações no passo citado (as interferências do citador);
7. Destacar, **graficamente**, as citações mais extensas com mais que três linhas;

(Fonte: ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1985, p. 121-126.)

“Pelo menos $\frac{3}{4}$ do trabalho (...) deve ser de nossa autoria ... Cita-se um texto ou para ser interpretado ou para ser criticado ou em apoio a nossa tese” (D’ONOFRIO, Salvatore. **Metodologia do Trabalho Científico**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000, p. 62) (Grifo nosso).

A citação direta ou literal deve ser usada “somente quando um pensamento é bem expresso ou quando e absolutamente necessário e essencial transcrever as palavras de um autor” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Normas para apresentação de documentos científicos**: citações e notas de rodapé. Curitiba: Editora UFPR, 2000, p. 2).

I) Conclusões

É o fecho da monografia. Nela, comumente, o autor apresenta **os pontos** mais gerais do trabalho, os pontos de chegada da pesquisa, as teses principais da investigação. Também é comum, na conclusão, o autor explicitar as limitações do trabalho, os aspectos que não foram elucidados, anunciar futuras pesquisas. É um momento de **síntese** do trabalho e não de **demonstração** ou argumentação pois os dados e os argumentos foram apresentados ao longo dos capítulos. Como a introdução, a conclusão também receberá muitos cuidados redacionais do autor. É a última **impressão** que fica no leitor.

m) notas

As notas, numa monografia, podem figurar ao pé de cada página, ao final de cada capítulo ou ainda ao fim de todos os capítulos, em parte especialmente dedicada a elas.

As notas têm feitiço diversificado. Podem ser meras **referencias** das obras citadas no texto. Podem também ser pequenos **comentários tangenciais** ou complementares aos capítulos. Podem ainda, ser **invocações** de citações invocadas no decorrer dos capítulos. Não há regras universais quanto às notas.

Seja como for, é **nas notas que se patenteia a erudição do autor**. É nelas que se evidencia o conhecimento do monografista, o quanto ele domina a tradição humanística ou científica no qual o seu trabalho se enquadra.

Finalidades das **notas**, conforme Umberto Eco:

- 1) Indicar a procedência das citações;
- 2) Indicar outras referências bibliográficas sobre o assunto;
- 3) Fazer remissões internas ou externas;
- 4) Introduzir uma citação de reforço não constante no texto;
- 5) Ampliar as afirmações contidas no corpo do trabalho;
- 6) Corrigir afirmações contidas no texto;

- 7) Fornecer traduções ou citações postas no texto;
- 8) “Pagar dívidas” intelectuais.

(Fonte: ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1985, p. 130-131.)

n) Bibliografia

Consiste na listagem de todos os documentos utilizados na monografia: livros, teses, dissertações, monografias, artigos, etc. É usual dividir a bibliografia em conformidade com a natureza do material: suporte teórico, metodológico, obras de referência, estudos, etc. Na bibliografia, todos os documentos referenciados devem obedecer à norma da ABNT relativa à questão, ou seja, a NBR n°. 6.023, de agosto de 2000.

o) Fontes

Consiste na listagem discriminada de todos os documentos básicos que serviram de matéria prima da monografia. O conceito de fonte primária varia consoante a natureza da pesquisa realizada. No limite, constitui fonte primária todo o conjunto de dados originais sobre os quais recai a abordagem. Em historiografia as fontes são os documentos da época enfocada e que servem de base para a reconstituição intelectual operada pelo historiador.

p) Apêndices e anexos

A NBR 14.724, de agosto de 2002, distingue os dois elementos: conforme a **norma, anexo é todo** “texto ou documento **não elaborado pelo autor** que serve de fundamentação, comprovação e ilustração”. (grifos meus). “Já **apêndice** é o texto ou **documento elaborado pelo autor** (da monografia), a fim de complementar sua argumentação sem prejuízo da unidade nuclear do trabalho”.

Comumente, apesar da distinção da **norma**, os autores usam os dois termos como equivalentes.

6. A pesquisa bibliográfica:

I – Levantamento e listagem dos documentos:

Uma primeira tarefa na pesquisa bibliográfica é formar uma lista de textos sobre o tema a ser investigado. Para tanto o pesquisador pode valer-se de alguns meios:

1. Bibliografias (de livros, teses, monografias, dissertações, artigos) sobre o tema ou assuntos correlatos;
2. Bibliografias especializadas ou temáticas. Exs: MORAES, Rubens Borba e BERRIEN, W. (org.) *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros*. Rio: Gráfica Editora Souza, 1949; *O que se deve ser em Ciências Sociais no Brasil*. SP: Cortez/Anpocs, 1986-1990. 3 v.; SODRÉ, Néelson W. *O que se deve ler para conhecer o Brasil*. 5^a ed. RJ: Civilização Brasileira, 1976.
3. Enciclopédias e dicionários especializados. Geralmente, os verbetes são assinados por especialistas e trazem bibliografia básica sobre o tema. (Ex. *Dicionário de Ciências Sociais*. 2^a ed. Rio de Janeiro: FGV, 1989).
4. Fichários de assunto das bibliotecas.
5. Consultas aos especialistas pois eles podem oferecer boas indicações bibliográficas.
6. Consulta à Internet, serviços de levantamento bibliográfico pago ou gratuito. (Algumas instituições dispõem deste serviço).

Levantamento e listagem dos documentos:

1. **Anotar** as referências bibliográficas completas encontradas nos instrumentos (bibliografias, obras de referência, catálogos, fichários, etc). Indicar o acervo e a classificação para posterior consulta.
2. **Assinalar** o texto citado por outros autores (heterocitação), pois a citação é um indicador da importância ou ressonância da obra no campo temático. (Vide *Folha de São Paulo*, SP, 21

maio 1995. Mais. p. 4-9). Assim sendo, identificar os textos mais significativos sobre o tema pesquisado. Os mais referenciados são de leitura indispensável, obrigatória.

3. **Ler** os textos mais “cotados”.

II - Leitura do Material Levantado:

Uma vez feita a lista temática é hora de ler o material reunido. Há, basicamente, três formas de leitura:

A – Leitura Exploratória ou Inspeccional - É um primeiro contato com o material, com fito de verificar a conveniência ou não da leitura mais cuidadosa do texto. Lê-se a orelha, o sumário, a introdução ou prefácio, alguns parágrafos, aleatoriamente. É um contato “horizontal” com o material. Esta sondagem visa verificar se o texto é, de fato, pertinente à pesquisa.

B - Leitura “Sintópica” - é a “leitura de dois ou mais textos sobre o mesmo assunto”.

(ADLER, M. J. e VAN DOREN, Charles. *Como Ler um livro*. Rio:

Guanabara, 1990. p. 247-67). Tem como fim encontrar os “dados” de interesse para a pesquisa, ou seja, sobre os temas investigados. Para realizar a leitura sintópica o pesquisador deve:

1. **Elaborar** um questionário a ser respondido por todos os autores enfocados. As questões formuladas devem remeter ao nosso problema de pesquisa;
2. **Encontrar** os trechos e as idéias relevantes para nós, pertinentes ao nosso interesse temático;
3. **Usar** uma terminologia transautoral (geral) - “um exercício de tradução” - que faculte classificar e agrupar os dados coletados.

III - Fichamento e Ordenamento dos Dados

O ordenamento dos dados tem como finalidade facilitar o uso do material coletado. Usa-se para tal fichas, fichários ou pastas.

1. **Classificar** cada ficha consonante o plano da pesquisa ou seja uma lista dos futuros tópicos ou capítulos do relatório final da pesquisa.

Ordenar consonante este plano, titulando cada uma delas com os tópicos.

Por em cada ficha, além dos dados coletados, a referência bibliográfica completa e a identificação do acervo a que o texto pertence;

Usar uma folha para cada informação e evitar o uso do verso;

Reunir as fichas em fichário de argolas ou em pastas de elástico ou pasta virtual.

Separar cada segmento temático com folhas de cartolina ou pastas específicas para garantir a conservação das fichas e a localização rápida do material;

Por as observações pessoais entre colchetes para diferenciar o dado alheio do comentário pessoal.

IV. O Uso dos Dados Coletados

Como incorporar os dados colhidos ao longo da pesquisa bibliográfica ao texto resultante da pesquisa (monografia, dissertação, tese, artigo, etc.). Há basicamente três formas de incorporar os dados: a citação pode ser *textual, conceitual ou mista*.

A . **Citação textual** - é a cópia literal do documento. Deve ser usada com parcimônia .

B. **Citação conceitual** - é o resumo pessoal das idéias contidas no documento. É a paráfrase ou resumo.

C. **Citação mista** - é a mistura palavras da fonte com resumo pessoal do pesquisador, ou seja, um resumo das idéias do texto.

“Orientações para a citação:

- Sempre indicar a fonte. É uma forma de controle intersubjetivo e indica a honestidade do pesquisador;
- Citar mais as “fontes primárias”, ou seja, aquelas sobre as quais recai a análise;
- Não adulterar a idéia do autor, evitar a distorção das suas idéias;
- Citar, sempre que possível, na língua original o texto ou edição mais confiável (ed. crítica);
- Por em nota de pé de página ou ao final do capítulo as citações menos importantes (de apoio) ou tangenciais;
- Evitar as citações demasiadamente longas. Quando forem indispensáveis pô-las em anexo;
- Indicar com os sinais convencionais as supressões ou outros dados da fonte. Os sinais convencionais mais usuais nas citações são: (sic) indica que o original está como citado, conforme a fonte, não foi erro do copista. É latim e significa “assim”. (?) Indica dúvida

quanto à passagem citada. [] Delimita uma intervenção do citador, um esclarecimento, acréscimo etc. (...) Indica um corte na citação, uma supressão.

7. Problemas mais comuns das monografias acadêmicas

1- FALTA DE DELIMITAÇÃO DO OBJETO DA INVESTIGAÇÃO

A imprecisão quanto ao objeto da investigação é um defeito muito encontrado nas monografias. Em tais casos o autor esquece de circunscrever, ou estabelecer os limites do assunto que deve ser investigado. O objeto fica nebuloso. É o caso de alguém que quer investigar um assunto como o amor (campo vastíssimo), mas esquece de explicitar qual tipo de amor, a época ou o espaço de sua pesquisa sobre o tema vasto. Ou ainda uma monografia cujo o autor diz querer investigar o negro em Sergipe, sem especializar a faceta do assunto a ser inquirida. O negro no trabalho, na escola, na mídia, na comunidade, etc.

2- EXCESSO DE OBJETIVOS

O excesso de objetivos é também outro equívoco comum nos trabalhos monográficos. O autor parece querer abraçar o mundo esgotando um arsenal de assuntos. Assim fazendo é como se desdobrasse a sua pesquisa em diversas. Via de regra, a monografia deve ter somente um objetivo, desdobrando em dois ou três objetivos específicos. Vale lembrar que cada objetivo é uma promessa que o trabalho deve cumprir ou realizar. O mais usuais objetivos científicos são: Analisar, Interpretar e Caracterizar. São essas as tarefas básicas do fazer científico.

3- CONFUSÃO ENTRE OBJETIVOS CIENTÍFICOS E FUTURAS UTILIDADES PRÁTICAS DA PESQUISA

Confundir metas científicas com usos práticos da pesquisa é muito freqüente, sobretudo quando o autor pesquisa sobre um tema com o qual tem afinidade emotiva ou ideológica. Imaginemos uma feminista que pesquisa “a situação das empregadas domésticas”. O risco em tal caso é substituir as tarefas próprias do conhecimento científico pela denúncia ou a indignação frente à exploração da categoria. Claro que toda pesquisa tem uma motivação social, mas é preciso distinguir entre os meios e os fins. É preciso distinguir objetivos científicos da justificativa da pesquisa. No exemplo acima a pesquisa pode ter como objetivo identificar e interpretar a visão das domésticas sobre suas patroas.

4- DESCUMPRIMENTO DOS OBJETIVOS PROPOSTOS

Descumprir os objetivos propostos é outro “pecado” comum nas monografias. O autor geralmente, no começo do trabalho, anuncia ou promete que vai fazer isso ou aquilo, mas depois, ao longo do trabalho esquece a promessa e faz outras coisas. Imaginemos um autor que, no início da monografia promete uma interpretação sociológica do “Pre-Caju” e depois, no decorrer do estudo, somente apresenta uma descrição minuciosa da festa, sem um pingão de esforço interpretativo. Ou seja, não liga a festa ao contexto social. Um argüidor cuidadoso, certamente, cobrará essa promessa não cumprida. E o autor ficará em apuros. Lembrem: na monografia, como na vida, promessa é dívida. Não prometam o que não podem ou não querem cumprir.

5- FALTA DE CONEXÃO ENTRE OS OBJETIVOS E AS HIPÓTESES

Num trabalho científico os objetivos e as hipóteses devem estar casados. As hipóteses são propostas provisórias aos objetivos da pesquisa. Voltando ao exemplo do “Pré-caju”. Se um dos objetivos da monografia é investigar os significados sociais da festa posso formular como hipótese que a festa significa, para os empresários do ramo uma oportunidade privilegiada de ganhos e para os jovens de nossa elite uma oportunidade de distinção social... ou de desafio de desejos sexuais reprimidos.

Hipótese é uma tese ou conclusão provisória. Normalmente, a hipótese do projeto figura na conclusão na monografia, dissertação ou tese de doutorado. A hipótese tem formulação assertiva ou afirmativa. O “Pré-caju” é uma festa de cunho elitista.

6- INADEQUAÇÃO ENTRE OS OBJETIVOS E A METODOLOGIA

Os objetivos também devem se adequar à metodologia, pois ela é o caminho para a realização dos objetivos. Digamos que o objetivo é onde quero chegar e que a metodologia é o caminho ou meio para chegar lá. Como se vê, a metodologia depende dos objetivos. Digamos que alguém queira investigar os significados psicológicos do travestismo do bloco das cajuranas. Para realizar tal objetivo, um método adequado seria a análise sintomática formulada por Freud. Ou ainda, pensemos numa pesquisa cujo objetivo é dissecar os termos recorrentes do nosso presidente. Em tal caso, o método denominado análise do discurso será uma ferramenta muito adequada para atingir meu objetivo.

7- FALTA DE EXPLICITAÇÃO DO QUADRO TEÓRICO OU CONCEITUAL

Todo trabalho científico implica a aplicação de um determinado referencial teórico, ou seja, uma determinada lente conceitual. Fazer ciência é, fatalmente, teorizar. Um apanhado de dados não é uma monografia científica. Do mesmo modo que colecionar insetos não faz de alguém um entomologista. Espera-se que uma monografia use, mesmo que levemente, uma teoria científica. Assim sendo, é de bom alvitre que o autor explicita as categorias ou conceitos que usará na leitura “dos dados”. Voltando às cajuranas... em tal investigação, a noção de “inconsciente” deverá ser explicitada. Algo assim: Neste trabalho usarei a noção de “inconsciente”, tal como foi postulado por Sigmund Freud... Conforme ele... a noção funcionará como instrumento de leitura dos dados.

8- REVISÃO DA LITERATURA INSUFICIENTE OU MAL ORGANIZADA

Todo trabalho científico se enquadra em uma tradição de estudos. Assim sendo, surge a necessidade da chamada revisão de literatura, um apanhado de trabalhos relacionados ao meu assunto de pesquisa. Convém que tal apanhado considere os trabalhos mais significativos já realizados, os clássicos do campo. É também conveniente que a revisão não apresente os textos de forma caótica, mas de forma ordenada. A ordem pode ser temática ou cronológica. Voltando à

pesquisa sobre as cajuranas. O autor deve revisar os estudos já feitos sobre o bloco ou, se não existem sobre blocos similares existentes em outro lugares ou mais amplamente sobre festas carnavalescas.

9- APLICAÇÃO MECÂNICA DO REFERENCIAL TEÓRICO AOS DADOS

A aplicação da teoria aos dados deve ser com “mão leve”. Trata-se de adequar a teoria aos meus dados. Aqui é preciso desenvolver o senso de nuance. Pensar sempre que estou adequando a teoria aos meus dados. O contrario disso é aplicar os conceitos de um autor desconsiderando o contexto de onde eles foram retirados. A teoria de Marx sobre o capitalismo pode ser aplicada à sociedade pós-industrial da atualidade? Entra em jogo aqui a ambição universalizante dos conceitos e teorias científicas e as especificidades dos meus dados, da minha empiria. Pessoalmente acho que uma teoria deve ser fonte de inspiração. Algo para pensar os meus dados e não um receituário que eu aplico aos meus dados de modo automático ou mecânico. Voltando a Marx, ele deve ser aplicado ou adaptado?

10- EXCESSO DE CITAÇÕES LITERAIS NO CORPO DO TEXTO

O texto científico é por sua natureza dialógico ou intertextual. Isto é, o texto científico remete sempre a outros textos, outras placas, outros discursos; dos dados, seja da tradição científica.

A questão é como fazer essa apropriação. Muitos se contentam em copiar trechos das obras e transcrevê-los para a sua monografia. Em tais casos, o trabalho se torna uma verdadeira colcha de citações, de falas alheias. Em lugar das citações literais, o autor pode colocá-las em notas de pé-de-página ou no final do capítulo. Pode ainda resumir as idéias dos autores estudados e incorporá-las ao longo do texto sem os famigerados “tijolinhos”. Vale ressaltar que o excesso de citações literais quebra a fluência ou cadência do texto. Sobre isso o mandamento é: resuma ou sintetize mais e copie menos.

11- REFERÊNCIAS INCOMPLETAS OU INCORRETAS DOS DOCUMENTOS

Referenciar corretamente todos os documentos citados é um procedimento elementar em qualquer trabalho científico. A iniciação científica patenteia-se basicamente, pelo domínio de tal prática. Desta forma, toda monografia deve referenciar todos os documentos utilizados em conformidade com a norma

específica da “Associação Brasileira de Normas e Técnicas - ABNT”. Referenciar corretamente é sinal de domínio das regras do jogo científico e indício de que a citador é do ramo. Por outro lado, o seguimento das normas facilita o intercâmbio, a ambição intersubjetiva da ciência. Sobre isto a regra é tenha sempre à mão a norma ou um manual com exemplos elucidativo. Com o tempo se automatiza ou decora o formato.

12- INSUFICIENTE APOIO EMPÍRICO OU NOS “DADOS” DA PESQUISA

Muitas monografias “pecam” pelo insuficiente apoio no lastro empírico, o que chamamos dados. Geralmente, tal problema decorre da pouca clareza do objeto investigado. Aqui é preciso que fique bastante claro a distinção, o quê, na minha monografia, constituem os dados, matéria-prima a ser dissertada e o referencial teórico e metodológico. Muitas monografias parecem obscurecer tal distinção. De qualquer modo, é fundamental ter clareza quanto a distinção entre dados e instrumentos interpretativo. Vale ainda ressaltar que a natureza dos “dados” varia enormemente. Pode ser dados estatísticos, discursos, observações, etc. Uma Lei, um discurso, um conjunto de fatos, um conjunto de procedimentos, entrevistas, um romance, um poema, um processo.

13- DESCRITIVISMO OU BAIXO ÍNDICE DE INTERPRETAÇÃO

Todo trabalho científico deve ir além dos dados, ou seja, deve interpretar ou explicar as evidências. Arrolar dados é somente uma tarefa preliminar. Voltemos mais uma vez, a imaginária monografia sobre o Pré-caju. O autor não pode contentar-se em somente descrever ou elencar o calendário da festa com apresentação dos blocos e das bandas: “No primeiro dia...” Se o autor limita-se a descrever a festa não se configura ainda uma monografia científica. O escopo científico surge quando ele passa a se perguntar sobre os “POR QUÊS” e “PARA QUÊ” da festa. Aí se começa a fazer ciência, ir além dos dados, explicando-os, interpretando-os, caracterizando-os, etc.

14- EXCESSO DE PRELIMINARES TEÓRICO, METODOLÓGICO OU CONTEXTUAL

Muitas monografias “pecam” pelo excesso de preliminares. Isto é, demoram muito a efetivar os objetivos propostos. Muitos autores dão verdadeiras volta ao mundo. Esquecem que o cerne do seu trabalho deve consistir na realização

dos objetivos. Não é incomum encontrar trabalhos que dedicam páginas e páginas ao famoso contexto e magras páginas ao objeto e objetivos do estudo. Cito um exemplo real. Num estudo sobre um movimento popular pelo fechamento da fábrica de cimento, a autora teve a infeliz idéia de recuar até o Egito Antigo, época da invenção do cimento. É preciso evitar tais rodeios e entrar logo no assunto. Mais importante que o contexto é o “texto”, o objeto da monografia, o miolo do trabalho.

15- TEXTO PROLIXO, SEM COESÃO E SEM COERÊNCIA TEXTUAIS

Não é incomum encontramos monografias marcadas por muitos defeitos formais, tais como a prolixidade, a falta de coesão e coerência. Em tais casos, a excesso de palavras e carência de idéias. Fala muito, mas diz pouco. A linguagem é empolada. Por outro lado o texto carece de um fio condutor. Os parágrafos carecem de ligação entre si. Falta uma noção que unifique o texto. Falta nexos entre os parágrafos. Saber concatenar um texto é condição básica para bem elaborar uma monografia. O mandamento ou “dica” é: Faça um bom curso de redação ou compre um manual.